

## FAMÍLIA



“Estes filhos desbravam caminho sozinhos. Isso dá-lhes resiliência, autoestima e maturidade”, diz a psicóloga Isabel Feio  
FOTO GETTY IMAGES

## Os filhos únicos adaptam-se. E os pais?

Ser filho único pode ser uma oportunidade. O problema é a forma como os pais educam. Em Portugal, **caminha-se para uma sociedade sem irmãos**. É a isto que se deve o declínio da fecundidade no país

LUCIANA LEIDERFARB

Mariana, Leyla, Afonso e Magda não se conhecem, mas têm coisas em comum. Aos sete anos pediram aos pais para ter um irmão. Todos foram guiados pela mesma razão: ter alguém com quem brincar. E nenhum consegue explicar porque essa consciência surgiu nessa idade e não noutra qualquer. Sim, serem filhos únicos é o que os quatro partilham sem o saberem. E não, isso não os tornou pessoas infelizes, mimadas ou egoístas, como os arautos dos estereótipos de café costumam propagar.

Se ser filho único já foi um lugar estranho, hoje é o mais comum. Em 2014, a maioria (54%) dos bebés nascidos em Portugal eram primeiros filhos — o segundo valor mais alto da Europa — enquanto o número de filhos por mulher situava-se em 1,2 — o mais baixo da UE. Os portugueses têm menos filhos, é certo, mas raramente decidem não tê-los, sendo que apenas 8% acabam por não ser pais. E é nesta baixa percentagem que reside a especificidade de um país onde o declínio da fecundidade não se deve ao aumento da opção por não ter filhos, mas ao facto de os indivíduos, querendo ter dois, terem só um. É esta a conclusão do relatório “Determinantes da Fecundidade em Portugal”: o

desencontro entre vontade e concretização dita que seamos cada vez mais uma sociedade de filhos únicos que, todavia, não o quer ser.

E porquê? Encomendado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos e coordenado por Maria Filomena Mendes, da Universidade de Évora, o estudo responde a esta questão. Aproveitando os dados do Inquérito à Fecundidade, de 2013, faz a análise dos motivos que leva uma sociedade a comportar-se assim. E o retrato de Portugal que daí decorre é o de um país desconfortável com a sua fecundidade. Onde, como no resto da Europa, se tem filhos tarde (a idade média ao nascimento do primeiro filho em 2014 era de 30 anos, mais 4,5 anos do que em 1990). E onde o tempo é um luxo e se trabalha demais, o segundo filho é ‘empurrado’ até ao limiar biológico. Onde ainda recai sobre a mulher a conciliação dos filhos com o trabalho, onde se ganha pouco e se tende a concentrar num só filho todos os recursos — onde a opção por um só filho, decorrendo de fatores vários, se resume ao possível face ao desejado.

“O estudo mostra uma fratura na sociedade. Mostra que por um lado existe um ideal e por outro um ajustamento que condiciona as decisões reprodutivas”, resume a socióloga Vanessa Cunha. Ajustamento

que não é necessariamente mau sinal: “A sociedade troca o que considera o ideal pela qualidade da parentalidade, que não está disposta a ceder. E isto assenta na noção que a criança tem o direito a ver asseguradas as condições de bem estar e de sobrevivência”, explica a investigadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

### Ser ou não ser (filho único)

E o que pensa o quarteto que iniciou este texto do que é isto de ser-se filho único? “É mais exigente. Os pais concentram toda a atenção em nós. Há maior vigilância, que não é falta de liberdade. Não acho que se espere mais de mim por não ter um irmão”, diz aos 12 anos Leyla Mitchell, filha de uma

portuguesa e de um sul-africano, ambos gestores, a residir na zona de Cascais.

“Tenho muitos primos e estou habituada a partilhar. Os meus pais têm mais tempo, ajudam-me nos estudos. Mas esperam mais de mim e ficam tristes se as coisas me correm mal”, conta Mariana Cardoso, de 16 anos, que vive em Odeira com os pais, funcionários da autarquia.

“Se tivesse um irmão, teria menos do que tenho. Mas teria usufruído a infância de outra maneira. Adaptei-me a ser filho único. Nunca me senti pressionado a ser o melhor”, admite Afonso Garcia, estudante de Desporto de 20 anos a viver na Grande Lisboa. Para Magda Almeida, psicóloga a trabalhar em intervenção comunitária e que olha para trás do alto dos seus 40 anos, as coisas são diferentes: “Não foi fácil, não por estar sozinha, mas pela pobreza das relações. Senti a expectativa dos meus pais: eu tinha de ser excelente e socialmente brilhante, como num conto de fadas. Eu era o que eles queriam que fosse.”

Ao tornar-se adulta, Magda fez uma opção contrária ao que o relatório aponta como tendência: teve mesmo dois filhos. E também contrariou a maioria dos portugueses ao discordar de que “é preferível ter um filho com mais oportunidades do que mais com restrições”. A

franca concordância com esta premissa é uma das maiores descobertas deste estudo e “uma das mais fortes condicionantes” da transição para o segundo filho em Portugal. Outra é a verificação, por parte de homens e mulheres, de que a ausência do pai enquanto os filhos são pequenos trava a decisão de se avançar para o segundo, enquanto a sua presença jogaria como fator facilitador. “Nenhuma política de estímulo à natalidade deve concentrar-se apenas no papel da mulher. E não é com licenças de maternidade mais alargadas que a desigualdade se resolve”, frisa a demógrafa Maria João Valente Rosa.

### Duas visões do mesmo

Mas, afinal, o que é um filho único? “Há uma ideia preconceituosa, que eu não aceito. Estes filhos têm de desbravar caminho sozinhos e isso dá-lhes maior resiliência, autoestima e maturidade. Estão mais preparados para tomar decisões”, sustenta a psicóloga Isabel Feio. O problema é a forma como são educados: “Pais sobreprotetores podem abafar estas vantagens. Muitos transmitem uma dupla mensagem: por um lado infantilizam-nos e por outro exigem-lhes perfeição. Um filho mimado não é um filho único. É um ser asfiziado que não encontrou o seu lugar.”

Em termos sociais, o quadro é menos animador. “É uma sociedade que representa esse fortíssimo investimento numa criança, em que o centrimento na criança é enorme. Em que há um empobrecimento das relações, pois perde-se um laço que não é substituível. É uma sociedade onde as crianças vivem no mundo dos adultos”, reflete Vanessa Cunha.

Os quatro filhos únicos que entrevistámos não parecem estar nesta situação. Coincidem numa palavra: adaptação. Adaptaram-se. “Nunca temos o que queremos nem queremos o que temos. Isto acontece sempre, faz parte do ser humano”, reflete Leyla.

lleiderfarb@expresso.imprensa.pt

### TRÊS PERGUNTAS A

#### Maria Filomena Mendes

Demógrafa e coordenadora do relatório “Determinantes da Fecundidade em Portugal”

#### Que surpresas encontrou nos resultados do estudo?

Por um lado, a consolidação de que existe uma mudança de mentalidade. No Portugal de hoje, é profundamente consensual que ter menos filhos representa mais oportunidades de sucesso para os que se tem. Por outro lado, os portugueses consideram qualquer idade abaixo dos 30 anos como ‘não adequada’ para ter filhos. E ainda um terceiro ponto: os mais instruídos são os que adiam mais, mas são os que apresentam maior intenção de ter filhos e os que mais concretizam essa vontade.

#### O que trava a transição para o 2º filho?

Há uma conclusão que é relevante: para termos mais filhos é necessário que o pai trabalhe menos horas. Porém, não se deve cair na armadilha de pensar que a desigualdade é a raiz de todos os males. Não tenho a certeza de que revertendo as conclusões negativas do estudo — baixos rendimentos, pais ausentes, maior igualdade na conciliação familiar — passaríamos a ter mais filhos. É um traço das sociedades desenvolvidas. Porém, a nossa é desfavorável à família.

#### Desfavorável porquê?

Os casais têm estratégias de adaptação às circunstâncias, que passam pelo adiamento do calendário reprodutivo e a redução do número de filhos. Mas não só os casais têm de adaptar-se: as empresas têm de perceber que a produtividade não se mede pelas horas de trabalho e que a vida não se resume ao trabalho. Quando se fala em melhores condições para os filhos, os pais também se referem ao tempo que passam com eles. Se não têm tempo, adiam ou têm só um filho. Isto não é fazer uma escolha.